

# A volta dos que não foram

“Nunca foi tão fácil filmar e tão difícil fazer cinema”, diria Ruy Guerra

**E**m virtude das agitações e tumultos de 71, o Festival ficou interrompido por 3 anos. Nesse meio tempo foi que surgiu o Festival de Cinema de Gramado. Mas a verdade é que o Festival de Brasília não havia morrido. Com a interrupção, a tradição estava rompida, mas em 1975 o Festival voltaria. O Cine Brasília estava fechado para reformas e o palco do certame foi o Cine Karim.

Críticas não faltaram. Mais uma vez reclamou-se da falta de um encontro mais consistente entre artistas, técnicos e diretores, mas uma coisa ficou bem clara: o cinema brasileiro já não era o mesmo. Os ideais do Cinema Novo não ecoavam mais pelos corredores e os cineastas já não procuravam mais fazer o cinema intelectualizado, de pouca receptividade popular. “O cinema brasileiro se consola com a função de veículo de informação, mais um reflexo da sociedade brasileira que propriamente um reformador”, diria Joaquim Pedro de Andrade. “O cinema novo viveu numa eterna contradição, divergindo das expectativas daquelas que financiava a indústria cinematográfica — o poder público — e dos que consumiam o seu produto, a massa de espectadores, nem sempre preocupada com os rasgos de criatividade que geralmente não conseguem entender”.

Participaram da mostra competitiva os longas **Delicadas Tradições do Amor**, filme de episódios dirigido por Domingos de Oliveira, Teresa Trautman e Phydias Barbosa, com Isabel Ribeiro, José Wilker, Ana Maria Magalhães, Stepan Nercessian e Lady Francisco. **A Lenda de Ubirajara**, de André Luiz Oliveira, com Roberto Bonfim, Ana Maria Miranda, Antônio Carnera e Taise Costa. **A Rainha Diaba**, de Antônio Carlos Fontoura, com Milton Gonçalves, Odete Lara, Stepan Nercessian, Wilson Grey e Nelson Xavier. **Nem Os Bruxos Esperam**, de Valdir Ercolani, com Elza Gomes, Paulo Cesar Pereiro, Nildo Parente, Cristina Aché, Manfredo Colassanti, Wilson Grey e Dirce Migliaccio. **Compasso de Espera**, de Antunes Filho, com Renée de Vielmond, Zózimo Bulbul, Antônio Pitanga e Stênio Garcia. **Guerra Conjugal**, de Joaquim Pedro de Andrade, com Lima Duarte, Ítala Nandi, Jofre Soares, Carlos Gregório e Wilza Carla.

Os prêmios: Melhor filme para **Guerra Conjugal**, melhor diretor para Joaquim Pedro de Andrade, melhor fotografia para José Medeiros por **Rainha Diaba**, melhor ator para Milton Gonçalves, também em **Rainha Diaba**; melhor atriz para Elza Gomes em **Guerra Conjugal**, que levou ainda o prêmio de melhor montagem (Eduardo Escorel).

Entre os curtas, venceu **Simi-tério de Adão e Eva**, de Carlos Augusto Calil, que também levou o prêmio de melhor trilha sonora (Krystof Penderecki). O melhor diretor foi José Rubens Siqueira e a melhor fotografia ficou com João Horta por **Rendel-ras do Nordeste**. Entre os longas, **A Lenda de Ubirajara** levou ainda um prêmio especial



Rainha Diaba, um dos melhores da safra de filmes de 1975

do júri. Mesmo assim, o diretor André Luiz Oliveira (que já havia estado no festival em 69 com o filme **Meteorango Kid, Herói Intergaláctico**) saiu da noite de prêmios indignado: “Parece-me que o que contou para a escolha do melhor filme foi o prestígio do diretor”.

**E**m 1976 o Cine Brasília foi reinaugurado graças ao empenho do embaixador Wladimir Murtinho, na época secretário de Educação e Cultura. Murtinho fez questão de transformar o Cine Brasília em um cinema bonito e confortável, um verdadeiro cinema para festival. Não resta dúvida de que a volta para o Cine Brasília contribuiu em muito para reacender a chama da paixão, mas a verdade é que o Festival de 76 de certa forma anunciou o fim dos estrelismos em favor dos debates, exposições e análises críticas do cinema brasileiro.

Para Brasília, a grande vantagem mesmo era ter por perto, durante uma semana, diretores, atores e produtores, que só chegavam assim tão perto da censura durante o festival. Depois, todo mundo sumia sem deixar rastro. “Você quer saber por que, depois do festival, a gente não lança os filmes da gente aqui, em circuito comercial, durante uma semana, duas? Porque morremos de medo da censura”, confessava o produtor Jarbas Barbosa (**Xica da Silva**). “Aqui em Brasília muito filme já foi proibido depois de passar tranquilamente no Rio e em São Paulo”.

Competiram os seguintes longas: **O Rei da Noite**, de Hector Babenco, com Paulo José, Marília Pera, Vic Militello, Isadora de Faria e Cristina Pereira. **Pecado na Sacristia**, de Miguel Borges, com Ivan Cândido, Ítala Nandi, Maurício do Vale e Tina Luísa. **Xica da Silva**, de Cacá Diegues, com Zezé Motta, Wal-

mor Chagas, José Wilker, Rodolfo Arena e Elke Maravilha. **Solitude**, de Paulo Thiago, com Jofre Soares, Rejane Medeiros, Nelson Xavier, Ney Sant’Anna e Maria Ribeiro. **Marília e Marina**, de Luis Fernando Goulart com Denise Bandeira, Kátia D’Ángelo, Fernanda Montenegro, Stepan Nercessian, Nelson Xavier e Marcelo Picchi, e **Aleluia, Gretchen**, de Sílvio Back, com Carlos Vereza, Miriam Pires, Lilian Lemertz, Selma Egrei e Sérgio Hingst.

**Xica da Silva** foi o filme mais aplaudido, mas chegou a ser vaiado quando ficou claro que **Aleluia Gretchen** não levaria prêmio nenhum. Além de melhor filme, **Xica...** deu ainda o prêmio de melhor diretor a Cacá Diegues e melhor atriz a Zezé Motta. Quanto a **Aleluia Gretchen**, para Alberto Cavalcanti não foi surpresa nenhuma não ter ganho nenhum prêmio. Ele havia inclusive prometido a seus companheiros um escândalo caso o filme recebesse algum prêmio: “Trata-se de uma nostalgia do nazi-fascismo”, justificaria ele. Enquanto isso, alguns proclamavam que o filme era o que de melhor já havia sido feito no cinema brasileiro.

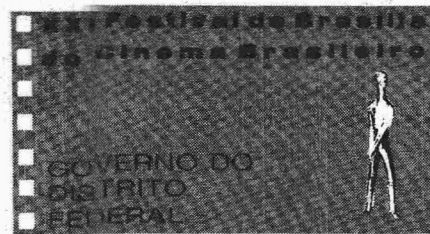
Paulo José foi o melhor ator pelo trabalho em **O Rei da Noite**, e **Cerâmica do Vale do Jequitinhonha** foi escolhido o melhor curta. Mais uma vez não faltaram críticas à premiação. “Esse festival está exatamente como as autoridades querem”, diria Hector Babenco. “Ainda tão profilático que corre o risco de se transformar em algo como um concurso de misses”.

**N**o X Festival a censura voltou com toda a carga, proibindo a exibição de quatro curtas selecionados. Um dos censurados foi **Frango Assado**, de Carlos Vereza, que contrariou com ironia: “No próximo ano farei um filme chamado ‘O

Casarão Colonial de Ouro Preto e sua Influência sobre a Psicologia do Homem Brasileiro”.

Na abertura da mostra competitiva, foram exibidos os curtas **O Ticumbi**, de Elyseu Visconti, e **Brennan, Sumário da Oficina Pelo Artista**, de Fernando Monteiro. Além do longa **Ladrões de Cinema**, de Fernando Coni Campos, com Rodolfo Arena, Grande Otelo e Célia Maracajá. O programa continuou com os seguintes longas: **Ajuricaba**, de Oswaldo Caldeira, com Paulo Villaga e Sura Berdichevsky. **Tenda dos Milagres**, de Nelson Pereira dos Santos, com Hugo Carvana, Nildo Parente, Jards Macalé e Anecy Rocha. **Gordos e Magros**, de Mário Carneiro, com Carlos Kroeber, Tônia Carreiro, Wilson Grey, Zezé Macedo e Maria Lúcia Dahl. **O Crime do Zé Bigorna**, de Anselmo Duarte, com Lima Duarte, Lady Francisco, Stênio Garcia e Jofre Soares, e **Morte e Vida Severina**, de Zelito Viana, misto de documentário e ficção.

Quanto aos prêmios, ficaram divididos assim: **Tenda dos Milagres** foi melhor filme, melhor direção (Nelson Pereira dos Santos), melhor trilha sonora (Jards Macalé) e melhor atriz (Sônia Dias). **Ladrões de Cinema**, recebeu o prêmio de melhor ator coadjuvante (Lutero Luiz). **Crime do Zé Bigorna** foi melhor roteiro (Lauro Cesar Muniz), melhor ator (Lima Duarte) e melhor atriz (Lady Francisco). **A Juricaba** deu o prêmio de melhor fotografia para Edson Santos e **Morte e Vida Severina** deu o prêmio de melhor montagem a Gilberto Santeiro. Entre os curtas, ganhou **Brinquedo Popular do Nordeste**, de Pedro Jorge (professor da UnB), que levou também o prêmio de melhor fotografia (Walter Carvalho). A melhor direção ficou para Fábio Barreto, pelo filme **A História de José e Maria**.



**NÃO REPETIU** — Grande Otelo — que já havia recebido o prêmio de melhor ator quando concorreu com **Macunaíma** — saiu do X Festival sem repetir a dose, por sua atuação em **Ladrões de Cinema**. O prêmio de melhor ator foi mesmo para Lima Duarte por sua participação em **O Crime do Zé Bigorna**, de Anselmo Duarte.



**SEM PRÊMIO** — Foi um escândalo: **Aleluia Gretchen**, de Sílvio Back, saiu do Festival de 76 sem prêmio algum. O público vaiou a decisão do júri, que se curvou à opinião de Alberto Cavalcanti, para quem o filme era uma nostalgia do nazi-fascismo.



**LÁ FORA** — **Xica da Silva** foi considerado o melhor filme do Festival de 67, mas seu produtor, Jarbas Barbosa, lembrou que muitos filmes eram exibidos bem no resto do Brasil e proibidos quando chegavam a Brasília: “Depois que todo mundo já viu — dizia — a gente traz para cá. Se proibirem, paciência”.